



ALEX SANTANA

35 anos

Ceramista, fundador da
Cerâmica Santana

Mora no Aglomerado da Serra,
em Belo Horizonte



O senhor e a senhora nos dê licença

Pra essa narrativa contar

Da terra saiu cada uma delas

Com seus modos e jeitos de se expressar

Do barro um faz objetos

Coisa mais bonita de se ver

A outra, na alquimia das ervas cura umbigo
de menino

E as cólera tudo que cisma em aparecer

Tem também a revolucionária

Constrói casa, prédio, trabalho de muita
precisão

Diziam que não era coisa de mulher - vixe!

É porque não viram ela levantando paredes

E levando outras direto pro chão

Três histórias de quem trabalha com os ói,
ouvido

Mãos, cabeça e claro, o coração

Fazendo da labuta menos penosa

Sem os abusos que de costume apanham
essa prosa

Nela crescendo um cado de paixão!

Eu comecei a trabalhar em um sacolão em troca da xepa. Era esse o pagamento que me davam, tinha **13 anos**: fruta e verdura do fim da feira para levar para casa. Diferente dos outros moleques da minha idade, saía da escola e ia direto para a ralação.

Foi nessa época que me veio uma vontade de pertencimento.

Todo menino negro que mora no morro vive isso – é um desejo que vai crescendo junto com a gente. Queria ter um tenizinho bacana, andar bem vestido, ser incluído nos grupos. Parte de meus colegas e vizinhos entraram para o crime, conquistaram mais poder aquisitivo, e a distância foi ficando cada vez maior. Me lembro de querer muito ter televisão, lá em casa custou a chegar. **Arrumar um trabalho era muito custoso.** Aos 17, rodava, rodava, e não aparecia nenhuma oportunidade. Eu poderia ser mais um deles.

Até que um amigo me chamou para um curso diferente na ONG Contato: aprender a fazer vassoura com garrafa PET. Só que o forno comprado para

queimar as cerdas também servia para cerâmica, e foi aí que o Marcelo Albert, na época aluno da Escola Guignard, montou uma nova oficina. Todo mundo migrou para a de cerâmica, claro, mas nenhuma das duas deu dinheiro. No final, ficamos só eu e mais três pessoas, e todas nós seguimos no ofício até hoje. Também fiz um curso na Guignard, sob a mentoria do professor Benedikt.

No início, precisava me dividir entre as tardes com a cerâmica e o trabalho em bar à noite. Não fazia a menor ideia que, um dia, os dois iriam se unir. O Estabelecimento participou do festival gastronômico *Comida di Buteco*, e o dono propôs usar as minhas peças para apresentar os pratos. Ali começou a minha projeção, e encontrei um nicho de mercado. Só que foi preciso escolher.

Larguei o bar, vendi meu carro para comprar um forno e caí para dentro. Muita gente dizia **“cê vai ficar brincando de modelar massinha até quando? Vai procurar emprego, menino”**, mas minha família sempre me apoiou muito, tenho um



irmão que trabalha comigo. Além dos parceiros que citei, o Benedikt, da Guignard, e a Jéssica ceramista também, foram essenciais. E eu sou uma pessoa muito competitiva, vou até o fim quando quero alguma coisa. Tanto que as ferramentas eu mesmo faço, não fico parado se não há dinheiro suficiente para comprá-las. É um jeito também de fazer as coisas do jeito que imagino: se preciso de uma textura específica, pego uma folha de metalon, recorto-a, uso uma madeira e um arame para amarrar, e fica tudo certinho.

Aprendo tudo de ouvido, é uma habilidade: **minha cabeça parece um bloco de anotações.**

Ultimamente não tenho lido muito, mas sou todo atenção para cada conversa que tenho com um artista, uma pessoa que quer dialogar. Não tive acesso ao ensino superior, é esse o saber que me acompanha e faz crescer.

Nessa caminhada, fui sendo reconhecido em diversas revistas, jornais, participo de feiras, sou procurado por

artistas e chefs de cozinha. Mas a **remuneração nunca vai ser justa, diante de todo o trabalho que temos.** Me dedico, em média, 12h por dia a

ele. Quando tem feiras ou entregas maiores, esse tempo aumenta. Por isso é que sempre que posso, converso com os clientes, explico os processos e tempos envolvidos, a mão de obra, quanto de energia gastamos com cada peça.

No mercado, não conheço outro ceramista que desenvolva uma arte coma essa na favela, com uma estrutura que ainda precisa melhorar muito.

Foi muito difícil, e ainda é. **As pessoas esperam um trabalho bonito, mas, muitas vezes, não entendem quem projetou, a história de vida que está por trás. O meu trabalho está de frente para o que eu sou.**

1980

1985

Nasci no
Aglomerado da
Serra, em Belo
Horizonte

1990

2000

1998

Meu primeiro trabalho,
no sacolão do bairro

2008

Primeira vez que expus
minhas peças em um
festival gastronômico, o
Comida di Buteco

2010

2008

Fundei a
Cerâmica
Santana





RITUAL DE ALEX

É um trabalho que não tem muito jeito de ter horário fixo, dependemos muito do clima para a secagem das peças e das demandas. Há os momentos de parada para almoçar, lanchar, mas a nossa disponibilidade para o processo é total, somos responsáveis por tudo, até mesmo a produção das ferramentas. Por isso é que o espaço é bem dinâmico. Mas tem algumas coisas que faço todos os dias antes de começar a pegar no pesado, e que me dão paz.

Chego, assento, coloco a mãos nas peças e observo o lugar... Se tem alguma coisa que me incomoda, a gente muda: mesa, apoio, forno, prateleira, não há nada que não possa ser mexido. Principalmente, se vejo que uma peça em determinada posição está demorando a secar ou rachando demais. Modelar as peças e também a mente, os espaços, os processos. Tudo em constante transformação.

FICHA TÉCNICA

Realização: **Projeto Desembola na Ideia**, realizado pela
Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC)

Coordenação editorial: **Rafaela Lima e Musso Greco**

Redação: **Alex Santana, Isabelle Chagas e Joseane Jorge**

Revisão: **Isabelle Chagas**

Projeto gráfico e diagramação: **Paola Menezes**

